

MUSICALIZAÇÃO DE BEBÊS: DESENVOLVIMENTO MUSICAL E INCLUSÃO

LEIDIANE FEIJÓ¹; ANDRÉIA LANG²; ANANDA RIBEIRO³; REGIANA WILLE⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – leidianesouzafeijo@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – andreiaslang@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – ananda.s.ribeiro@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Musicalização de Bebês da Universidade Federal de Pelotas - UFPel iniciou suas atividades no ano de 2007 com uma turma de sete crianças contando com um monitor voluntário. Atualmente o projeto conta com cerca de 50 bebês (0-2 anos) que são acompanhados pelo seus pais ou cuidadores. Além do projeto de Musicalização de Bebês foi criado posteriormente o projeto de Musicalização Infantil, que possui cerca de 20 crianças (2-4 anos). Participam 18 monitores que se dividem em seis turmas organizadas de segundas a quintas-feiras das 18h às 18h30min, e das 18h40min às 19h10min.

Também foram criados o Grupo de Pesquisa e o Projeto de Ensino Grupos de Estudos em Educação Musical e Inclusão - GEEMIN, dos quais todos os monitores participam de forma a aprimorar suas práticas dentro dos projetos e futuramente quando forem para a sala de aula.

Os monitores do projeto são todos voluntários, sendo em sua maioria alunos do Curso de Música Licenciatura, de diversos semestres, mas também contando com alunos dos Cursos de Bacharelado em Música, do Mestrado em Educação e voluntários que, após passarem por um “treinamento” auxiliam como apoio nas aulas. Os monitores são responsáveis pela organização da sala de aula, limpeza, esterilização dos brinquedos e dos instrumentos utilizados pelos bebês, recepção dos pais e cuidadores, apoio na entrega e troca de materiais durante as atividades, e, é claro, aplicação das aulas e condução através de violão, piano e instrumentos que tiverem domínio bem como o desenvolvimento das atividades através do canto.

Durante as aulas, os bebês são acompanhados pelos pais, sendo algo de bastante importância, pois de acordo com Raniero e Joly (2012, p. 10) “a música transmite uma sensação de proteção e tranquilidade aos bebês e [...] as experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções”. Ilari (2002, p. 88) ainda ressalta que “os pais são os responsáveis pelo incentivo às atividades musicais de seus filhos no dia-a-dia, seja através do canto, da escuta musical passiva e ativa ou, simplesmente, pela criação de ambientes sonoros dentro de casa, durante a rotina da criança”. A participação dos pais no projeto não se restringe apenas acompanhar os bebês, mas também reproduzir as aulas em casa, cantando com os filhos e os incentivando a cantar, a realizar as atividades trabalhadas nas aulas do projeto, a terem vivências musicais dentro e fora de casa, contribuindo para o desenvolvimento musical e cognitivo do bebê.

Filipak e Ilari (2005) acreditam que as crianças prestam mais atenção quando as mães cantam para elas por terem a preferência pela voz materna. Esse cantar que é diferente do falar causa curiosidade e alegria no bebê, que responde com sorrisos e balbucios, tranquilizando-se e criando um laço afetivo (FILIPAK e ILARI, 2005 p.85). Daí resulta um forte vínculo pois:

Os comportamentos e verbalizações de mães e crianças influenciam-se reciprocamente, caracterizando um cenário de troca mútua em que a criança é parte ativa e dinâmica nas interações, e a mãe o elemento da diáde responsável pela criação de uma estrutura sócio interativa favorável à aprendizagem da linguagem. Desta forma, não importa a profundidade de conhecimento musical da mãe, pois ela, intuitivamente, estará interagindo com seu bebê, e reagindo às suas verbalizações (FILIPAK e ILARI, 2005, p. 87).

A partir do ano de 2014, iniciou-se uma busca pelo projeto por pais com bebês diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista – TEA. O TEA é um transtorno no desenvolvimento neurológico que intervém na capacidade dos bebês e crianças em interagir com as pessoas ao seu redor. Estas crianças precisam de acompanhamento médico de psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos para auxiliarem no seu desenvolvimento social. A musicalização tem um grande valor nesse desenvolvimento, pois auxilia aos bebês trabalharem em conjunto com seus pares.

Lembramos aqui a diferença entre musicalização e musicoterapia. A musicoterapia tem como objetivo utilizar a música como forma de terapia e reabilitação, sendo realizada por um terapeuta. A musicalização tem o objetivo de trabalhar questões propriamente didático-musicais e de ensino musical propriamente dito, sendo realizada por professores de música. Nosso projeto não tem a intenção em momento algum de servir como musicoterapia, sendo um projeto de musicalização.

No ano de 2017 recebemos um bebê com Síndrome de Down. A Síndrome de Down é uma alteração genética causada pela presença de um cromossomo a mais nas células da pessoa, que causa problemas cognitivos e no desenvolvimento corporal. Cada criança com Síndrome de Down possui um ritmo de desenvolvimento intelectual diferente, demandando métodos que sejam ideais para cada uma. Além disso, elas apresentam um tempo de atenção menor, precisando ser estimuladas, desde o nascimento, a fim de que vençam suas limitações e amadureçam suas funções neurais, permitindo-as aprender e desenvolver seus potenciais (NASCIMENTO, 2006).

A música possibilita o desenvolvimento global, e isso considera-se um papel importantíssimo para os bebês com deficiência. Qualquer indivíduo pode se desenvolver em diferentes aspectos, porém cada um em seu determinado tempo. As crianças devem ser estimuladas para que venham ter o desenvolvimento despertado, seja elas crianças típicas ou crianças com algum tipo de deficiência, porém o indivíduo com algum tipo de deficiência necessita que essa estimulação seja mais intensa e específica.

2. METODOLOGIA

As aulas de musicalização acontecem em uma sala específica do projeto, chamada Laboratório de Educação Musical - LAEMUS, que possui vários armários com os equipamentos utilizados nas aulas como instrumentos musicais (tambores, chocalhos, maracas, xilofones e pandeiros), fantoches de mão como sapo e jacaré, entre outros brinquedos e instrumentos. A sala também possui violão, piano e flauta doce que pertencem ao projeto e são utilizados pelos monitores durante a condução das aulas do projeto.

As aulas são planejadas e realizadas de maneira lúdica onde os bebês aprendem brincando e na maioria das atividades é utilizado algum brinquedo ou objeto ligado à canção cantada. Há também os palhacinhos, que são

manuseados pelos monitores no momento da canção: “Quem é que se esconde aqui dentro? É o palhacinho, meu amigo! Gosta de brincar de se esconder, e sua risada ele quer ver!”. Nessa atividade, o palhacinho se esconde e os bebês precisam dar risada para que ele apareça de volta. Ela trabalha a questão de desaparecer e aparecer, para que entendam que tudo que desaparece depois aparece e isto faz parte do desenvolvimento do bebê e serve para que eles saibam que os pais quando saem vão voltar.

Outra atividade que gera bastante animação e envolvimento é realizada com os instrumentos de percussão, que são distribuídos instrumentos aos alunos como ovinhos e pandeiros e lhes é permitido explorar livremente enquanto são tocadas músicas folclóricas com o objetivo que eles comecem a internalizar o pulso para acompanhá-las em conjunto com os instrumentos. De acordo com Wille, Medina e Lang (2017) o trabalho realizado nas aulas de musicalização para bebês e crianças contribui de maneira efetiva para formação de um ser sensível, capaz de exercitar sua atenção, concentração, organização de idéias e raciocínio lógico. Este é um processo de construção do conhecimento musical que subsidiará as vivências musicais posteriores e que precisa ser embasado teoricamente (WILLE, MEDINA e LANG, 2017. p. 3)

As aulas do projeto sempre seguem um roteiro pré-definido para que os bebês possam se acostumar com a rotina da aula de música o que contribui para o desenvolvimento dos bebês, e também pelo fato de os bebês autistas precisarem da segurança da rotina. Por serem alunos muito pequenos são utilizadas muitas repetições e gestos acompanhando das canções cantadas em aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se perceber que a participação dos bebês tanto típicos como aqueles com alguma deficiência tem permitido que estes usufruam de suas habilidades comunicando-se com seus pais/ cuidadores, brincando, sorrindo e/ou gesticulando com o coleguinha e se envolvendo com as canções realizadas em aula. Alguns pais comentam que seus filhos cantam ou tentam cantar as canções da aula em casa. Vários bebês que entraram no projeto falavam pouquíssimo e atualmente já conseguem até cantar nas aulas por meio do fazer musical que passou a fazer parte da rotina deles e seus acompanhantes, pois toda semana a musicalização se faz presente.

Todas as aulas são planejadas com o propósito de musicalizar e contribuir com o desenvolvimento dos bebês. Sempre se atenta às necessidades destes para que todos participem e sintam-se pertencentes ao grupo. Isso faz refletir sobre a importância de observar e saber as limitações particulares de cada participante.

Acreditamos que o projeto de musicalização com bebês tem acrescentado aspectos relevantes à formação de futuros professores de música por incluir os que procuram o projeto. A partir das necessidades particulares e dos desafios os participantes do projeto coordenador e monitores, estudam, pesquisam no grupo de pesquisa e no grupo de estudos para aprenderem mais sobre inclusão, deficiências ou particularidades do bebê.

4. CONCLUSÕES

A partir das aulas vivenciadas no projeto de musicalização de bebês percebe-se a sua importância para a formação do futuro educador musical, a partir da oportunidade de experiência direta com as aulas para os bebês, a preparação de aulas e principalmente a constante supervisão e orientação da coordenadora, auxiliando nas dificuldades, sugerindo alterações e outras atividades novas que possam complementar no aprendizado e nas futuras atuações no mercado de trabalho.

Além da importância de se realizar a inclusão desde cedo com os bebês, as crianças crescem aprendendo a conviver com as diferenças se tornando menos preconceituosas e mais compreensivas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e Bebês: vivência e linguagem musical. Revista Música Hodie, v. 5, n. 1, 2005.

ILARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 7, 83-90, set. 2002.

NASCIMENTO, Márcia Leody Corrêa. "Síndrome de Down". 2006. Disponível em: http://marcia.nascimento.eng.br/02_down.pdf. Acesso: 18/08/2017.

RANIRO, Juliane; JOLY, Ilza Zenker Leme. Compartilhando um ambiente musical e afetivo com bebês. Música na Educação Básica. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012.

WILLE, Regiana Blank; MEDINA, Luana; LANG, Andréia. Musicalização infantil e inclusão. In: XXXV Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 2017, Foz do Iguaçu. Anais, n. pag. Web 15 Jul. 2018